

Pirâmides: 33 empresas já são suspeitas

ESQUEMA As empresas Telexfree e BBom estão sendo investigadas e tiveram as suas atividades suspensas pela Justiça

Giovanni Sandes

gsandes@jc.com.br

A disparada dos números dá a medida da gravidade da situação: em pouco mais de duas semanas de investigação, os casos de empresas suspeitas de serem pirâmides financeiras saltaram de sete para 33. É como se o Brasil tivesse descoberto um “mercado financeiro paralelo” distante das regras legais, onde centenas de milhares de pessoas arriscam grandes somas de dinheiro em esquemas tipificados como um crime contra a economia popular. A tendência é aparecerem mais e mais casos suspeitos. Só nos dois principais casos investigados, Telexfree e BBom, empresas com atividades suspensas pela Justiça, está em risco o dinheiro de 1,3 milhão de pessoas.

Há dois meses, a Telexfree era formalmente a única suspeita de montar na internet um esquema de pirâmide financeira. Com o desenrolar do caso e a sequência de ações judiciais e processos administrativos sobre ela, o Ministério Público Federal e de oito Estados montou uma força-tarefa para investigar o tema. Como resultado, o número de empresas suspeitas passou para duas há um mês, para sete há 15 dias, 18 no início da semana e ontem chegou a 33, segundo o Ministério Público do Rio Grande do Norte.

“O que está acontecendo é que as empresas se passam por marketing multinível, que para começo de conversa sequer é um negócio por si só”, afirma a diretora executiva da Associação Brasileira das Empresas de Vendas Diretas (ABEVD), Roberta Kuruzu.

O marketing multinível (ou de rede) é um modelo de divulgação que tem como finalidade vender produtos ou serviços. Ou seja, o marketing multinível não gera dinheiro algum e sim as vendas para consumidores fora das empresas – no Brasil, os exemplos mais conhecidos são os cosméticos, de empresas como Avon e Natura. “As pirâmides vestem uma fantasia de marketing multinível e prometem ganhos exorbitantes, sem que haja atividade comercial legítima”, diz Roberta.

Essa “fantasia” de legalidade dificulta a identificação fácil desses esquemas. Por isso a força-tarefa do MP mira em uma empresa investigada por vez, pedindo bloqueio judicial de bens e cadastros. No Acre o alvo foi a Telexfree, que se apresenta como fornecedora de telefonia VoIP (ligações pela internet). Em Goiás, foi a BBom, que se diz fornecedora de rastreadores para veículos.

“O nosso objetivo é evitar novas vítimas. O consumidor precisa ficar atento, principalmente com a proliferação desses esquemas com a ajuda da internet e das redes sociais, bem como dessas promessas de ganho de muito dinheiro sem ter que vender um produto ou serviço real. Já em relação à pessoas que estão no esquema, os bloqueios dos bens servirão para reaver o máximo possível do dinheiro investido”, explica, em nota, Mariane Guimarães, procuradora do Ministério Público Federal em Goiás.

Mais na web

Veja cartilha sobre marketing em rede no jconline.com.br

Ator desiste de divulgar Telexfree

O bloqueio dos bens e a suspensão judicial das atividades da Telexfree e da BBom, suspeitas de serem na verdade esquemas de pirâmides financeiras, geraram desdobramentos diferentes, ontem. No Rio de Janeiro o ator Sandro Rocha, do filme Tropa de Elite 2, famoso divulgador da Telexfree, desistiu da empresa depois de atrair para ela mais de 80 mil pessoas, enquanto no Acre o deputado estadual Moisés Diniz (PCdoB) decidiu criar um comitê de apoio aos investidores. Em Goiás, o Ministério Público Federal divulgou suspeitar que a BBom tenha vendido muito mais produtos do que teria capacidade de entregar.

No final da tarde de ontem, o sócio diretor da Telexfree, Carlos Costa, divulgou o décimo vídeo contendo a versão da empresa sobre o caso. Na gravação, ele justificou um decisão da Ympactus Comercial Ltda, razão social da Telexfree, de bloquear o acesso de seus divulgadores ao back office, o “escritório virtual” onde os investidores podem checar o saldo que têm a receber da empresa. Ele disse que “supostamente” havia divulgadores contratando hackers para invadir o sistema e burlar a ordem

judicial de suspensão de pagamentos.

Apesar disso, da criação de um comitê para defender a empresa no Acre e de todas as manifestações de apoio que a empresa recebe via redes sociais de seus divulgadores – gente comprometida financeiramente com a Telexfree –, o ator Sandro Rocha divulgou sua desistência da empresa. Ele reclamou de uma “sacanagem” contra a Telexfree e anunciou que vai migrar para outra empresa que se apresenta como do ramo de marketing multinível, a Multiclick, que também é investigada por ser uma suposta pirâmide financeira.

Em Goiás, o Ministério Público Federal concedeu na tarde de ontem uma coletiva em que levantou suspeitas sobre a capacidade da BBom de atender aos pedidos de todas as pessoas que investiram no negócio, o que reforçaria ainda mais os indícios de que a empresa na verdade pratica o crime de pirâmide financeira. Segundo a empresa, contudo, já foram comprados 1,250 milhão de rastreadores, com 105 mil entregues ou estocados, um lote de 145 mil em trânsito e 1 milhão de aparelhos ainda para serem entregues.

O Jolo e o trigo

Editoria de Arte/JC

Salba diferenciar as pirâmides financeiras e o verdadeiro marketing multinível, praticado no ramo da venda direta

Venda direta

Produtos e serviços

Ganho proporcional ao esforço

Continuidade (e hereditariedade)

Tem garantia de devolução

Forte investimento em treinamento

Pirâmides

Não vendem nada

O primeiro a entrar é o que mais ganha

Não há continuidade

Não há garantia de devolução

Foco em atrair desconhecidos (sem treinamento)

Se o multinível é legal, por que a pirâmide não é?

A simples troca de dinheiro entre os participantes, não centrada em venda de produtos ou serviços é ilegal e não caracteriza atividade comercial. Além disso, pirâmides remuneram exclusivamente por hierarquia, ou seja, quem entra primeiro ganha mais independentemente do esforço realizado

Quem adere ao marketing de rede vai fazer fortuna?

Ganhos no marketing de rede não são fáceis, pois o revendedor precisará construir seu negócio da mesma maneira que um empresário do ramo tradicional, vendendo diretamente a seus clientes, patrocinando novos distribuidores, capacitando a equipe e gerindo seu negócio

Fontes: Associação Brasileira de Empresas de Vendas Diretas e Secretaria de Acompanhamento Econômico, do Ministério da Fazenda